



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## **O FRUTO DO VOSSO VENTRE (1976): UMA ANÁLISE HISTÓRICA DO ROMANCE DE HERBERTO SALES NO PERÍODO MILITAR BRASILEIRO (1964 – 1985)**

Fernanda Pereira Soares\*

1

Como representamos algo que vai além da nossa capacidade de imaginar e representar? Como representar eventos traumáticos e catástrofes? Ainda questionando, será que a representação extremamente realista de um trauma é desejável? Como ela deve se construir? Seligmann-Silva (2000) em seu artigo denominado “A história como trauma” sugere que “A experiência prosaica do homem moderno está repleta de choques, de embates com o perigo” (p. 73).

Em uma mesma abordagem, o historiador Eric Hobsbawn comenta em *Era dos Extremos* (1995) que o século XX é o século das catástrofes, o século “mais terrível da história”, marcado por genocídios, duas grandes guerras, inúmeros massacres, destruição de ideais; mas por outro lado também trouxe o progresso da ciência, a emergência de grupos antes oprimidos, tais quais os homossexuais, as mulheres, os negros. Nele se matou mais seres humanos do que em qualquer outra época, mas

---

\* Licenciada e bacharel em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Mestranda em História Ibero-americana pela mesma instituição, sob orientação do Prof. Dr. Charles Monteiro. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: profenandi@gmail.com

também se chegou a níveis de bem-estar e transformações sociais jamais experimentadas.

Assim, trazendo a discussão do trauma e da catástrofe para o Brasil do século XX, tem-se como evento traumático para a sociedade civil o golpe militar de 1964 e sua progressiva restrição de liberdades que alcança seu ponto máximo no fim de 1968 com a instauração do Ato Institucional n.º 5, o AI-5. O AI-5 fechou o Congresso Nacional de dezembro de 1968 até 30 de outubro de 1969; criou controles específicos para a imprensa, universidades e a participação política em geral fora restrita, pois qualquer manifestação pública era considerada perigosa para a manutenção do regime, tendo como consequência a prisão, a tortura, e por vezes, o desaparecimento dos envolvidos nos protestos.

Houve também a abolição do *habeas corpus*, deixando advogados e outros que defendiam os presos políticos de mãos atadas, pois não se podia evitar sérios abusos de poder e a tortura dos acusados. O AI-5 obrigou os militantes de esquerda a viverem na clandestinidade e optarem pela luta armada. Sobre o AI-5, Alves comenta:

Ele fora preparado em resposta ao crescente apoio da classe média às manifestações estudantis e à militância dos trabalhadores, demonstrada nas greves de Contagem e Osasco. Confirma-se isto pela rapidez com que agiu o Estado de Segurança Nacional. Menos de 24 horas depois da votação no Congresso Nacional, o texto do Ato Institucional Nº5 foi publicado na imprensa e reiteradamente lido na televisão e no rádio. Fechava-se o Congresso por tempo indefinido. Suspendiam-se todas as garantias constitucionais e individuais. Em todo o país, o Exército procedeu a manobras que representavam verdadeira ocupação. Opositores de todos os matizes ideológicos eram presos aos milhares. (ALVES, 1984, p. 130-131)

Neste contexto, “(...) como representar algo que vai além da nossa capacidade de imaginar e representar?” (SELIGMANN-SILVA, op. cit. p.79). Não só não se podia representar a realidade – dado que a censura se estendia também aos produtos culturais, vetando peças teatrais, filmes, músicas, e em menor escala, obras literárias – mas também era perigoso se referir a ela de qualquer outra forma. Ainda assim, pode-se dizer que a arte literária, através de inúmeras metáforas, pôde representar com mais liberdade o regime ditatorial, pois a censura sobre a literatura só começa a ser mais presente a partir de 1975, contrariando a dita abertura política.

Isso se explica devido ao fato de que o mercado editorial brasileiro conhece uma grande expansão a partir da segunda metade dos anos 70 (NAPOLITANO, Op. cit., p. 101). De qualquer forma, pode-se dizer que algumas obras desfrutaram de certa “liberdade”, dado que a população leitora no país na época era ínfima. Marcuse tece comentários sobre a “ineficiência” da literatura na sociedade:

Obviamente, a dimensão estética não pode validar um princípio de realidade. Tal como a imaginação, que é a sua faculdade mental constitutiva, o reino da estética é essencialmente “irrealista; conservou a sua liberdade, em face do princípio de realidade, à custa de sua ineficiência na realidade. Os valores estéticos podem funcionar na vida para adorno e elevação culturais ou como passatempo particular, mas viver com esses valores é o privilégio dos gênios ou a marca distintiva dos boêmios decadentes. Perante o tribunal da razão teórica e prática, que modelou o mundo do princípio de desempenho, a existência estética está condenada. (MARCUSE, 2009, p. 156) <sup>1</sup>.

Embora a poesia tenha sido a principal arma de combate e de ação social no período e o romance tenha perdido um pouco de seu espaço, este manteve seu papel crítico e reflexivo em relação à sociedade. Inúmeros são os romances que podem ser citados; escritores e escritoras como Lygia Fagundes Telles (*As meninas*, 1973), Érico Veríssimo (*Incidente em Antares*, 1971), José J. Veiga (*Sombras de reis barbudos*, 1972), Ignácio de Loyola Brandão (*Zero*, 1975), entre outros, são alguns dos exemplos<sup>2</sup>.

Essas representações se deram de inúmeras maneiras. Seligmann Silva (op. cit.) ainda pergunta: “A representação extremamente realista é possível: a questão é saber se ela é desejável e com que voz ela deve se dar; se ela nos auxilia no “trabalho do trauma” que tem como finalidade a integração da cena de modo articulado e não mais patológico na nossa vida” (p.85). Se nesse contexto a representação realista poderia não ser desejável, os artistas optaram pelo recurso da literatura fantástica para falarem de seus traumas coletivos.

Segundo Todorov, “O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural”.

---

<sup>1</sup> Marcuse utiliza aqui termos relacionados a psicanálise de Freud, tais quais *princípio de realidade*, *princípio de desempenho* e *princípio de prazer*, uma vez que a obra busca uma abordagem filosófica da teoria de Freud aplicada à civilização. Ver mais em MARCUSE, Herbert. *Eros e a Civilização*. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

<sup>2</sup> Alguns desses romances foram analisados no trabalho de Regina Dalcastagnè, *O espaço da dor*. O regime de 64 no romance brasileiro. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

(TODOROV, 1975, p. 31). A hesitação se dá justamente pelo ser em questão não conseguir encaixar determinado evento na categoria do natural, do mundo real, mas desconfia de sua existência. O fantástico se localiza precisamente entre o natural e o sobrenatural. Essa hesitação é condição primordial do fantástico, segundo Todorov.

Os traumas coletivos da sociedade brasileira tomaram as mais diversas formas na literatura fantástica: nas tramas tecidas pelos escritores, tem-se a presença da hesitação, do estranhamento, da dúvida frente a situações inverossímeis, que remetiam claramente às ações da repressão. Assim, “Para muitos autores, o sobrenatural não era senão um pretexto para descrever coisas que não teriam nunca ousado mencionar em termos realistas” (TODOROV, Op. cit., p. 167). Em uma época marcada fortemente pela censura, a literatura fantástica era uma das principais armas para se tratar de temas considerados proibidos, como as próprias práticas repressivas do Estado, entre outros. Assuntos que nunca poderiam ter sido mencionados em termos realistas. Sendo assim, o fantástico pode ser definido também como um gênero transgressor.

Nos anos 70, não apenas o Brasil, mas os outros países do Cone Sul viviam sob ditaduras militares, passando por condições semelhantes em relação à censura, à repressão às artes, etc. Assim, a produção literária brasileira possui pontos de contato com a literatura do Cone Sul e da América Latina. De maneira geral, muitas obras do período estão dentro do conceito citado de literatura fantástica. Além de pertencerem ao mesmo gênero, versam muitas vezes sobre temáticas semelhantes, comum aos países latino-americanos, tais como a dependência norte-americana, o subdesenvolvimento, o patriarcado e a violência contra a mulher, a repressão e os governos militares, a sexualidade, a guerrilha e o idealismo. Um dos temas mais explorados por diversos autores neste contexto foi a questão da identidade nacional.

No caso brasileiro, foram feitas diversas releituras dos mitos de identidade nacional brasileira, como o paraíso tropical, a democracia racial, o povo sensual e dócil, e a grandeza da nação. É notável a continuidade desses mitos, seja no discurso ficcional ou popular, e esses garantiram a estabilidade da “comunidade imaginada”<sup>3</sup>. Havia uma disputa de discursos, pois se de um lado a literatura repensava criticamente os mitos

---

<sup>3</sup> Conceito de Benedict Anderson para se referir à nação (1991, p. 5-6).

fundacionais, os governos militares divulgavam propagandas de exaltação da nação brasileira, coincidindo com a Copa do Mundo de futebol de 1970.

O romance *O Fruto do Vosso Ventre* foi publicado em 1976, obra do escritor baiano Herberto Sales. Sales nasceu em Andaraí, na Chapada Diamantina, em 21 de setembro de 1917, e estudou no Colégio Antônio Vieira, de jesuítas, em Salvador. Voltou para sua cidade natal, onde permaneceu até 1948, trabalhando como garimpeiro e comerciante. Mudou-se depois para o Rio de Janeiro, trabalhando como jornalista em diversos periódicos, como *O Cruzeiro*. Em 1974, muda-se para Brasília, devido ao seu trabalho no Instituto Nacional do Livro (INL). Quando José Sarney assume a presidência da república, Herberto é nomeado assessor da presidência até 1986, quando então vai a Paris, como adido cultural da Embaixada do Brasil. Foi eleito para a Academia Brasileira de Letras em 1971. Faleceu no Rio de Janeiro, em 13 de agosto de 1999.

*O fruto* se passa no futuro, na sociedade da “Ilha”, onde o aumento populacional descontrolado e a fome ameaçam a existência de todos. No início da narrativa, é o aumento populacional de coelhos que ameaçam os humanos, pois os animais estão comendo demais e devastando as plantações que servem de alimento à população. Assim, dividido em três partes, o romance é escrito em três linguagens diferentes. A primeira, mais didática, beira quase ao absurdo, revelando influências kafkianas na trama, ao falar de situações extremas de maneira quase que despreocupada:

Enfim, os homens encontram sempre uma maneira de solucionar as coisas, solucionando-as, naturalmente, à maneira dos homens – e não à maneira dos coelhos. Havia muitos coelhos na Ilha, não era? Os coelhos eram uma ameaça para os homens, não eram? Pois bem. Um dia, os homens sobrevoaram de helicóptero os campos da Ilha e, durante uma semana, bombardearam todos os lugares onde se achavam concentrados os coelhos. Milhares e milhares de coelhos fugiram para as praias, em desespero. (SALES, 1984, p.6)

E continua o autor:

Mas, conhecido o medo que os coelhos têm da água, medo somente comparável ao que eles descobriram ter das bombas, nenhum deles se aventurou a entrar no mar. Assim, foram igualmente bombardeados nas praias, até voar pelos ares o último deles. E com isto se acabaram os coelhos.

Então voltaram os homens a cultivar em boa paz os campos da Ilha, pois já não havia mais nenhum coelho para incomodá-los. (Idem)

Na segunda parte do romance, o problema é transferido para as pessoas, ou seja, agora é o aumento populacional dos humanos que ameaça a existência da sociedade. Assim, as mulheres em período fértil – potencialmente “perigosas” – são obrigadas a tomar anticoncepcionais e realizar exames compulsivos. Se ainda assim engravidarem e insistirem nisso, serão punidas com a morte. A linguagem da segunda parte é dominada pela fala truncada dos tecnocratas:

- Em vez de “será punida com fuzilamento”, como está na minuta, proponho que o decreto estabeleça: “será punida com a morte”. É um critério mais flexível, que permitirá, sem prejuízo da punição, o emprego de meios mais econômicos para assegurar a plena execução do decreto. Afinal, há meios mais econômicos de punir alguém com a morte. A forca, por exemplo, ou um simples e único tiro na nuca.
- Ou a eletrocussão – lembrou um dos membros do Gruleno.
- Já não digo a eletrocussão, pois na eletrocussão incidem gastos com energia elétrica – argumentou o autor do substitutivo. (Ibidem, p. 120)

Para garantir o “bem comum” – no romance, seria evitar que a superpopulação matasse as pessoas de fome – discute-se qual seria a melhor forma de execução para as mulheres que não quisessem abortar. Estas estariam sendo egoístas e não se importariam com a coletividade; assim segue o diálogo:

- Pelo mesmo motivo excluí a fogueira, que, além de constituir dano frontal ao Serviço de Preservação dos Resíduos Florestais, exigiria o emprego de substâncias inflamáveis de apoio, atualmente muito caras, devido à alta e à escassez do petróleo.
- Não esqueçamos a borduna – ponderou o técnico em assuntos de prevenção e controle situacional. – Uma paulada na cabeça, desde que aplicada com vigor, pode assegurar a consecução da punição prevista, com a vantagem, ainda que rude, de não envolver gastos de nenhuma espécie. A meu ver, o emprego da borduna deve ser considerado. (Idem)

No romance, é satirizada a maneira como os tecnocratas conduzem a sociedade, pensando somente em termos fechados, automáticos, mecanizados, e nunca em termos sociais. Visando sempre o “bem comum”, utilizam-se das mais diversas artimanhas e muitas vezes passam por cima dos indivíduos que constituem a sociedade.

A linguagem utilizada no romance parte da dos próprios tecnocratas: truncada, repleta de jargões burocráticos que ocupam linhas extensas, que expressam idéias

simples, mas são faladas de maneira complexa: “Criar um departamento era a melhor forma que tinha o governo de mostrar que estava fazendo alguma coisa na área em que a coisa devia ser feita. O que queria dizer que nenhuma coisa podia ser feita sem antes haver um departamento encarregado de fazê-la” (Ibidem, p.7).

Na terceira parte do romance, a linguagem é bíblica, dando um rumo completamente diferente à história:

21 E sucedeu que o guarda, voltando no dia seguinte ao local, encontrou a casa fechada, como na véspera. E bateu na porta, e não a abriram. E ele notou que na casa não havia sinal de vida. E, tendo-o notado, testificou-o ao Chefe.

22 Então o Chefe enviou três guardas ao local, e deu-lhes ordens de arrombar a casa; a qual, uma vez arrombada, apresentou-se sem ninguém dentro. E as poucas coisas que nela haviam indicavam que os seus moradores a tinham abandonado. (Ibidem, p. 184)

A fragmentação da linguagem é a fragmentação da própria vida contemporânea, e é através dessa linguagem que Sales elabora sua crítica. Claramente inspirado por *1984*, de George Orwell, e *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, *O Fruto* recriou a realidade brasileira através de um mundo paralelo de sinais. Criticou o modelo autoritário e tecnocrata de sociedade que havia sido posto em prática pelos militares. Mas também possui uma interpretação da identidade nacional brasileira que retoma muito dos mitos idealizados do passado.

Há uma valorização da língua portuguesa como elemento unificador na formação da nacionalidade. Os tecnocratas de *O Fruto* criam a sua própria gramática, não apenas linguística, mas também cromática: os significados “emocionais” das cores são abolidos por decretos governamentais (assim, por exemplo, as mulheres do romance não poderiam associar a cor verde à esperança). Palavras como política simplesmente desaparecem do vocabulário ou possuem significados diferentes ou até mesmo opostos aos antigos.

Apesar de os tecnocratas terem conhecimento de que a população continua usando o vocabulário “arcaico”, há todo um esforço para implantar a nova linguagem. Assim, além de demonstrar a distância em que o governo se encontrava das pessoas, recorre-se também a idéia de que a destruição da língua portuguesa viria a ser a destruição da própria nacionalidade.

Destaca-se também a iminência dos papéis femininos no romance, visto que se vivia um período de profundas transformações do papel da mulher na sociedade. Na história de Sales, é sobre as mulheres que recaem as políticas governamentais de controle de natalidade. No entanto, há uma idealização da maternidade, encarnada pela personagem Maria, que é apenas um veículo passivo para a salvação final da Ilha:

Contudo, usar uma figura de salvador para resolver questões políticas rouba do povo qualquer iniciativa política, e invocar tradições católicas para transmitir uma identidade brasileira reduz o país a um único modelo cultural. Esses gestos paternalistas permeiam o restante do romance e se vinculam a convenções literárias e a valores religiosos que recuam ao tempo das crônicas do Descobrimento do Brasil (GINWAY, 2005, p.105).

Portanto, os modelos culturais retomados aqui por Herberto Sales são muito antigos e tradicionais; é explícito que para o autor a identidade brasileira se relaciona com a natureza idealizada e encarnada nas mulheres, assim como o fizeram os escritores românticos; e possui ainda uma ligação com a língua portuguesa e a tradição católica. Esta é fortíssima no romance, já que até mesmo o título da obra é ligado a “Ave Maria”. A terceira parte do romance reencena a fuga do casal bíblico, escrito inclusive na mesma forma que os versículos. A religião católica e a língua portuguesa são elementos agregadores da nacionalidade.

Para Sales, a identidade “verdadeira”, a “essência” da nação reside na língua portuguesa e no catolicismo, e caso esses fossem destruídos, a identidade se perderia. Em *O Fruto do Vosso Ventre* isto é muito bem demonstrado, uma vez que os tecnocratas buscam a destruição do português e acionam – ou pelo menos tentam – um governo extremamente racional, sem dar espaço a “sentimentalismos” e crenças religiosas, mas essas sobrevivem, apesar do regime autoritário, pois a nação é assim, independente do sistema de governo.

E por a nação *ser* assim – ao invés de *estar sendo* – Sales aprofunda mitos conservadores, reduzindo o país a um único modelo cultural. Apesar de tentar fazer uma crítica ao regime militar, esta é limitada, pois ao passar para as mãos de um ser divino a salvação da nação, isto tira do povo qualquer iniciativa política ou pelo menos a esperança por uma mudança estrutural na sociedade. E também por a nação *ser* assim



por essência, quer dizer que a situação nunca mudará, permanecerá sempre a mesma, afinal a nação *é* assim.

A idealização da maternidade também é um elemento curioso, uma vez que Maria é tratada como heroína justamente por se arriscar para levar até o fim sua gravidez, mesmo que isso implique em perseguições e fugas perigosas. Ela se posiciona contra o governo, mas não de maneira racional, e sim guiada pelas emoções, pela vontade de manter seu filho vivo. A idealização da maternidade encontra-se com os elementos bíblicos do romance, e lhe confere uma aura sagrada. Por mais que Maria seja protagonista, ela tem o seu lugar, o lugar que sempre foi conferido às mulheres: ser mãe. Dessa forma, Sales justifica os papéis tradicionais femininos na sociedade.

Herberto Sales teve uma atuação significativa como diretor do Instituto Nacional do Livro (INL), de 1974 a 1984, órgão da política cultural estatal, ou seja, ligado aos governos militares. Sobre a sua atuação na esfera governamental, pode-se dizer que em diversos momentos da história do Brasil, intelectuais de diversas áreas incidiram no campo da política e da economia, e travaram muitas vezes, uma relação complicada. Os intelectuais interpretam a realidade a seu modo, dão ordem simbólica às coisas. Às vezes falam em nome de valores universais, e como “produtores e transmissores de conhecimento”, tem como vocação orientar a conduta da sociedade embasados em certos padrões e valores culturais, definir objetivos e auxiliar no desenvolvimento social. Os intelectuais cumprem sua função política, na medida em que a política é a arte de organizar a convivência em determinada organização social (MANSILLA et al, 2004, p.7).

Em épocas diferentes, apontaram problemas, sugeriram soluções, discutiram uma série de temas relevantes. De certa forma, existe uma tradição consolidada onde a discussão sobre a nação é relegada aos intelectuais, sejam eles cientistas, advogados, médicos, engenheiros, literatos, atuando através de discursos científicos ou literários. No caso de Sales, além de propor questionamentos através da literatura, o escritor também se destacou como funcionário público, deixando muitas dúvidas se ele havia sido cooptado; a resposta sendo positiva ou negativa implica na perda da credibilidade de Herberto enquanto escritor engajado, ou pelo menos cria certa desconfiança em relação a seu ofício.

Parece razoável inferir que Sales, para evitar qualquer retaliação da parte do regime militar, decidiu silenciar-se em seu ofício como funcionário público e tecer suas críticas apenas através da literatura, sendo uma possibilidade e uma saída racional, visto que a literatura não foi alvo de uma censura tão rígida. A sua intervenção política se dava no campo da linguagem. Assim, seu trabalho para a superação do “trauma” consistiu em representar a realidade, mas através de metáforas, e não de forma realista.

Pode-se interpretar essa catástrofe pessoal de forma diferente da sofrida pelos militantes de grupos de esquerda que foram perseguidos e torturados pelo regime militar. O escritor Herberto Sales não teve seus direitos cassados ou reprimidos. Pelo contrário, ele atuava em um dos órgãos da política cultural estatal e decidia quais livros o INL editaria ou não, mantendo-se então numa posição de poder. Seu drama pessoal provavelmente se deu ao ver todos os atos de repressão e violência da ditadura civil militar e não poder se manifestar “oficialmente” ou tomar alguma providência que mudasse aquela situação. Portanto, para superar essa situação e ajudar no “trabalho do trauma”, Sales fala do regime militar e seu sufocamento das liberdades na literatura, no *Fruto do Vosso Ventre* e em outros romances. Para ele, a literatura deve desempenhar sua função de denúncia e questionamento social, promovendo a conscientização e a crítica em relação ao poder estabelecido (HACK, 2006, p. 32).

Este artigo procurou tratar apenas de um romance do período, mas de forma geral, a literatura latino-americana dos anos 60,70 e 80 faz uma série de críticas aos sistemas políticos vigentes, aos costumes, às normas estabelecidas e repensam os mitos fundacionais de seus países. Assim, esta produção cultural foi um terreno frutífero para que os escritores tratassem dos traumas coletivos de suas sociedades e de seus dramas pessoais, em uma época marcada pela privação de direitos e autoritarismos de todas as espécies.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e Oposição no Brasil (1964 –1984)*. Petrópolis: Vozes, 1984.

ANDERSON, Benedict. *Imagined communities: reflections on the origin and spread of nationalism*. London: Verso, 1991.

DALCASTAGNÈ, Regina. *O espaço da dor. O regime de 64 no romance brasileiro*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1996.

GINWAY, M. Elizabeth. *Ficção Científica Brasileira. Mitos Culturais e Nacionalidade no País do Futuro*. São Paulo: Devir, 2005.

HACK, Andréa Beatriz. *A religiosidade na obra do intelectual Herberto Sales*. Dissertação de Mestrado – UFBA. Salvador, 2006.

HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MANSILLA et al. *Os intelectuais e a política na América Latina*. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2004.

MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização*. Rio de Janeiro: LTC, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. *Cultura brasileira: utopia e massificação (1950 – 1980)*. São Paulo: Contexto, 2006.

SALES, Herberto. *O Fruto do Vosso Ventre*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Orgs.) *Catástrofe e Representação*. São Paulo: Escuta, 2000.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução à literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.